

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação - UAB/UnB/MEC/SECAD

II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e
Cidadania, com Ênfase em EJA

MARDETE SAMPAIO

NÉLIA PAULA RODRIGUES DA LUZ

LETRAMENTO, CULTURA E TERRITORIALIDADE

BRASÍLIA – DF



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECAD

II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e
Cidadania, com Ênfase em EJA / 2013-2014

LETRAMENTO, CULTURA E TERRITORIALIDADE

MARDETE SAMPAIO

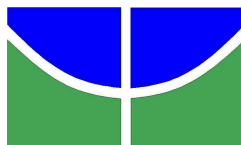
NÉLIA PAULA RODRIGUES DA LUZ

PROFESSORA-ORIENTADORA: NARA PIMENTEL

TUTORA ORIENTADORA: ALZIRA APARECIDA DIOGO ÁLVAREZ DOS
SANTOS

PROJETO DE INTERVENÇÃO LOCAL

BRASÍLIA, DF ABRIL/2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECADI
II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e
Cidadania, com Ênfase em EJA / 2013-2014

MARDETE SAMPAIO
NÉLIA PAULA RODRIGUES DA LUZ

LETRAMENTO, CULTURA E TERRITORIALIDADE

Trabalho de conclusão do II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA/ 2013-2014, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista na Educação de Jovens e Adultos.

Professora Orientadora – Dr^a Nara Pimentel

Tutora Orientadora - Prof^ª Alzira Aparecida Diogo Alvarez dos Santos

Avaliador Externo

BRASÍLIA, DF - ABRIL/2014

Aos muitos professores que conosco compartilharam seus saberes e aos nossos alunos, pelo mesmo motivo.

AGRADECIMENTOS

À escola pública do nosso país que nos permitiu desenvolver nossas potencialidades, compreender nossas identidades e exercer o ofício de professora pelo qual temos o mais profundo respeito.

A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação. Isto não é só possível como essencialmente civilizatório, porque o prazer da arte é a principal fonte de continuidade histórica, orgulho e senso de unidade para uma cidade, nação ou império, disse Stuart Hampshire alguma vez em algum de seus escritos.

Ana Mae Barbosa

RESUMO

Esse trabalho trata de uma intervenção pedagógica realizada no Centro de Ensino Fundamental 03 do Gama- Distrito Federal, como parte do II Curso de Especialização em Educação e Cidadania, com Ênfase na Educação de Jovens e Adultos. A intervenção começou no segundo semestre de 2013, na turma de 3ª Etapa do 1º Segmento da EJA e, prossegue em 2014 na turma de 4ª Etapa. Essas turmas são constituídas majoritariamente por alunos nordestinos que migraram para Brasília em busca de trabalho e melhores condições de vida, mas que demonstram uma progressiva perda das tradições culturais de seus territórios de origem, sem que tenham desenvolvido um sentimento topofílico em relação à Brasília. O projeto interventivo aqui apresentado busca não apenas o reconhecimento das raízes culturais desses indivíduos, como também o acesso à história e aos bens culturais do novo território, de forma a contribuir com o surgimento de sentimentos de pertença que são, em última análise, elementos essenciais a criação de laços afetivos entre sujeito e território.

Palavras - chaves: 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos, intervenção pedagógica, cultura e territorialidade.

RESUMEN

Esta obra es una intervención pedagógica realizada en el *Centro de Ensino Fundamental 03 do Gama*, como parte del II Curso de Especialización en Ciudadanía y Educación con Énfasis en Educación de Jóvenes y Adultos. La intervención se inició en el segundo semestre de 2013, con el grupo de tercera etapa del primero segmento de la EJA, y continuó en 2014 con el grupo 4°. Estas clases se componen principalmente de estudiantes del noreste que emigraron a Brasilia en busca de trabajo y mejores condiciones de vida, pero que demuestran una pérdida progresiva de las tradiciones culturales de sus países de origen sin haber desarrollado un sentimiento topofílico sobre Brasilia. El presente proyecto intervencionista busca no sólo el reconocimiento de las raíces culturales de estas personas, así como el acceso a la historia y al patrimonio cultural del nuevo territorio, con el fin de contribuir a la aparición de sentimientos de pertenencia que son, en última instancia, los elementos esenciales creando vínculos emocionales entre el sujeto y el territorio.

Palabras-claves: 1° segmento de la Educación de Jóvenes y Adultos, intervención pedagógica, cultura y territorialidad.

LISTA DE ABREVIATURAS

CEF – Centro de Ensino Fundamental

CTARD – Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede na Diversidade

EJA – Educação de Jovens e Adultos

PDAF – Programa de Descentralização Administrativa e Financeira do Governo do Distrito Federal

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- imagem da localização do Centro de Ensino Fundamental 03 do Gama

Figura 2 – Imagem do seminário “As Linguagens da Arte”

Figura 3- Entrevista individual

Figura 4- Aula com a letra da música “Vaca Estrela e Boi Fubá”

Figura 5- “O Milagre de Santa Luzia” – biografia de Patativa do Assaré

**Figura 6- Aula no laboratório de Informática – estudantes do 1º segmento do CEF 03-
Gama**

Figura 7 – Visita ao CCBB

Figura 8- Visita à Feira do Livro de Brasília

**Figura 9- Visita à Feira do Livro de Brasília – estudantes do 1º segmento: Maria e
Lucilene**

Figura 10 – Feira cultural “Uma Viagem do Nordeste à Brasília”

Figura 11- Imagem da Feira Cultural “Uma Viagem do Nordeste à Brasília”

Figura 12- Apreciação dos estudantes – feira cultural

Figura 13- Apreciação de trabalhos manuais

Figura 14- Festa da Criança Grande

Figura 15- Festa da Criança Grande-temática nordestina

Figura 16- Aula-passeio à Praça dos Três Poderes

SUMÁRIO

1. Ambiente Institucional.....	12
1.1. Justificativa e caracterização do problema.....	15
2. Objetivos.....	22
2.1. Objetivo Geral.....	22
2.2. Objetivo específico.....	22
3. Atividade/responsabilidade.....	23
4. Cronograma.....	37
5. Parcerias.....	40
6. Orçamento.....	40
7. Acompanhamentos e avaliações.....	42
8. Referências.....	50

1. Ambiente Institucional



Figura1: imagem da localização do CEF 03 do Gama – DF

O Centro de Ensino Fundamental 03 do Gama integra a Coordenação Regional de Ensino do Gama, órgão vinculado à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. A escola funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno na E.Q 6/11 do Setor Leste na zona urbana. No turno noturno, atende fora do prédio principal, num posto avançado na zona rural denominado “Alagado da Suzana”, oferecendo o 1º Segmento da Educação de Jovens e Adultos.

A escola foi criada em 09 de outubro de 1977 com o nome de Escola Classe 24 do Gama. No Distrito Federal, as escolas classe são unidades destinadas ao atendimento dos anos iniciais da Educação Básica, antigo Ensino de 1º Grau na modalidade regular. Isto significa que as dimensões e ambientes do prédio foram construídos para atender crianças e adolescentes de sete a quatorze anos de idade, com instalações, mobiliário e equipamentos adequados ao desenvolvimento de um currículo direcionado a turmas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, na época 1ª a 4ª série do 1º Grau. A Portaria 325 de 18 de julho de 2001 transformou a antiga escola classe num Centro de Ensino Fundamental, mudando sua

destinação pois os Centros de Ensino são escolas cuja tipologia prevê o atendimento da segunda fase do Ensino Fundamental, antigo 1º Grau maior, e Educação de Jovens e Adultos.

A mudança de destinação desencadeou um processo de adaptação do prédio que prossegue até os dias de hoje. Uma Escola Classe é constituída basicamente por salas de aula e salas administrativas. Já um Centro de Ensino, exige instalações como quadras de esporte, biblioteca, auditório, salas ambiente, laboratório de informática, refeitório e outros, uma vez que atende adolescentes e adultos com um currículo organizado por áreas específicas. Como nunca houve uma reforma que adequasse o prédio original às necessidades impostas pela mudança do público, as sucessivas gestões têm promovido pequenas adaptações para adequá-lo às suas atuais funções. Essas reformas tem sido efetuadas com recursos oriundos do PDAF (Programa de Descentralização Administrativa e Financeira), ação do governo local que visa a autonomia gerencial das unidades públicas de ensino do Distrito Federal, através do repasse de verbas direto para a escola.

A partir de 1990 o Centro de Ensino Fundamental 03 do Gama começou a organizar seu Projeto Político Pedagógico em torno de um agregado de projetos pedagógicos e de gestão. O documento em tela, apresenta dados de identificação da escola, um breve histórico, objetivos e princípios. Já os projetos que diferenciam o CEF 03 do Gama de outras unidades de ensino, estes são apensados, sempre que necessário, sob a forma de anexos. São diversos projetos: alguns oriundos do governo federal, outros da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e também alguns outros propostos por seus gestores e funcionários, no intuito de solucionar ou minimizar disfunções diagnosticadas nas áreas administrativa e/ou pedagógica da escola.

O projeto Político Pedagógico do CEF 03 do Gama estabelece como missão da escola:

- Conscientizar o aluno de que, por meio da escola sua vida pode ser transformada, estimulando o crescimento, a construção de sua personalidade e o desenvolvimento de seu senso crítico.
- Proporcionar ao aluno a superação do senso comum a partir da vivência com o conhecimento cientificamente acumulado pela humanidade, além de contribuir para a formação de sujeitos autônomos e capazes de exercer plenamente a cidadania.
- Favorecer a construção de uma sociedade composta por sujeitos capazes de interagir, propor e transformar a realidade.
- Formar indivíduos capazes de exercerem de forma consciente a cidadania”

(Projeto Político Pedagógico - CEF 03 do Gama, pag. 10)

O ensino no Centro de Ensino Fundamental 03 do Gama, ainda conforme seu Projeto Político Pedagógico, é ministrado de acordo com os seguintes princípios norteadores:

- a) Princípios políticos de direitos e deveres de cidadania e do respeito ao bem comum.
- b) Princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade, da qualidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais.
- c) Princípios éticos da cidadania, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito à ordem democrática.

A Educação de Jovens e Adultos considera os mesmos princípios éticos e morais, relacionando-os com as questões sociais, com o mundo do trabalho e com a convivência em sociedade e com o nosso planeta. Privilegia ainda a capacidade de pensar e o desenvolvimento da competência de processar as experiências práticas de aprendizagem pelas quais os alunos adultos obtêm informações.

O público alvo das ações do Centro de Ensino Fundamental 03 do Gama são adolescentes e adultos moradores das zonas urbana e rural da cidade além de uns poucos estudantes residentes na cidade de Santa Maria ou em Novo Gama, esta última, uma cidade goiana situada no entorno sul do Distrito Federal. A escola atende um total de 576 estudantes no turno matutino, 592 no vespertino, todos matriculados em turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. No turno noturno, são 418 estudantes, sendo que 64 estão matriculados no 1º Segmento e os demais no 2º Segmento.

Os educandos do CEF 03 do Gama são oriundos de famílias de classe média baixa ou de baixa renda. O uso de drogas lícitas e ilícitas é o problema social de maior repercussão na comunidade, sendo que a região é conhecida pelos altos índices de criminalidade. Trata-se de escola inclusiva com pessoas com deficiência matriculadas em classes regulares, onde também se constata a presença de estudantes em regime de semiliberdade e liberdade assistida encaminhados pelo poder judiciário. Os educandos com diagnóstico de necessidades especiais de aprendizagem recebem reforço no turno contrário ao das aulas regulares, através da Sala de Recursos Generalista. Esse serviço atende pessoas com deficiência física, deficiência intelectual, transtorno global do desenvolvimento e com deficiências múltiplas, exclusivamente no diurno. Há um Serviço de Orientação Educacional que atende nos três turnos, através de acompanhamentos individuais e de projetos de integração grupal e sobre ética e valores morais. A escola oferece também projeto de Educação Integral, que consiste na ampliação da jornada de trabalho escolar diário, com a oferta de atividades de reforço escolar,

xadrez e música. O “Projeto de Inclusão Cultural para os alunos da EJA” passou a fazer parte do Projeto Político Pedagógico da escola, a partir de 2013, proposto pelos professores do 1º Segmento e é um desdobramento deste Projeto de Intervenção local, assim como a reabertura do laboratório de informática.

1.1. Justificativa e caracterização do problema

O projeto de intervenção local que propomos, tem como público alvo os estudantes das 3ª e 4ª Etapa do 1º Segmento da Educação de Jovens e Adultos do Centro de Ensino Fundamental 03 do Gama.

Seu objetivo principal é levar os estudantes a reconhecerem os elementos da cultura nordestina e a conhecerem a história e os bens culturais de Brasília, de forma que possam se perceber como cidadãos brasileiros, conscientes de seu patrimônio cultural para dele usufruírem, assim como agir ativamente para que este seja legado às futuras gerações.

A estrutura da escola carece de instalações mais adequadas para o ensino de adultos: o mobiliário foi projetado para crianças e os mesmos ambientes são usados por estudantes adolescentes do turno diurno inviabilizando, por exemplo, a fixação de materiais que caracterizariam um ambiente alfabetizador nas salas destinadas ao 1º Segmento da EJA. A pequena Sala de Leitura não oferece espaço suficiente para a realização de atividades com adultos e seu acervo é constituído quase que exclusivamente por livros didáticos e uns poucos exemplares de literatura infanto-juvenil. A própria característica do noturno divide a escola: de um lado os senhores e senhoras do 1º Segmento e de outro os adolescentes que são majoritários no 2º Segmento. São grupos com notórias dificuldades de interação e que muitas vezes se excluem. Assim como é, também, a relação entre os professores dos dois segmentos entre si e com a direção da escola.

As taxas de evasão são significativas e podem ser justificadas por fatores exógenos como o cansaço pós jornada de trabalho, a baixa autoestima e a falta de apoio familiar. No âmbito da escola percebemos que, esta muitas vezes se pauta por estereótipos em relação ao aluno da EJA e assim não os conhece de fato. Por isto, qualquer intervenção pedagógica deveria começar exatamente pelo conhecimento do educando. Saber quem é esse estudante, de onde vem, suas dificuldades, potencialidades e expectativas, é determinante para o sucesso de qualquer trabalho de natureza pedagógica. Essa convicção marcou o início do processo que passamos a descrever.

Através de coleta de dados realizada junto a turma da 3ª Etapa da EJA, no segundo semestre de 2013, coleta efetuada através de entrevistas individuais com os estudantes e também pelas observações e escutas realizadas pelos professores durante as aulas e atividades como palestras, passeios e outros eventos, além do convívio informal com estudantes, foi possível traçar um perfil sócio econômico e cultural da turma/público alvo.

As entrevistas individuais foram realizadas seguindo os passos de um questionário que começava pelo registro dos dados de identificação do entrevistado: nome, data de nascimento, (alguns estudantes tiveram que consultar documentos por não saberem suas datas de nascimento e houve pelo menos um caso, de estudante que descobriu sua idade naquela ocasião), naturalidade, estado civil, prole, pessoas com as quais dividem a residência, gênero e escolaridade dos filhos, endereço e telefones.

Na sequência o instrumento nos levava a questionar sobre a relação do estudante entrevistado com Brasília. Nesse ponto buscamos determinar o tempo de residência no Distrito Federal, os motivos da vinda para Brasília, se havia intenção de voltar ao estado de origem ou mudar para um outro local. Solicitávamos ainda que o estudante apontasse pontos positivos e negativos de Brasília e discorresse sobre fatos históricos, logradouros e a importância de Brasília no cenário nacional. Nesse quesito as respostas dadas nos levaram à conclusão que a maioria conhece bem a cidade do Gama no que concerne ao traçado urbano e a localização de pontos comerciais e de oferta de serviços públicos, mas que desconhece a história de sua região de residência e que esse desconhecimento é bem maior quando se trata da criação de Brasília, de seus marcos históricos, políticos e/ou artísticos.

A vida profissional dos estudantes foi o alvo do bloco seguinte no instrumento utilizado nas entrevistas. A profissão ou ocupação atual, a situação de emprego, tempo de serviço, ocupações já exercidas e a relação legal com o emprego e/ou ocupação atual foram verificadas. Perguntamos sobre as reações afetivas em relação ao trabalho que desempenham. Solicitamos que descrevessem seus ambientes de trabalho e questionamos sobre o respeito aos direitos trabalhistas, vínculos com sindicatos e em que condições aceitariam mudar de emprego. Curiosamente, a maioria se declarou satisfeita mas, que optaria por outro emprego caso houvesse melhor remuneração. Melhores condições de trabalho tais com carga horária e dificuldades de mobilidade não foram lembradas, apesar de serem alvo de queixas verbalizada em outros momentos.

O Instrumento mediador dessas entrevistas, seguia levantando dados sobre o histórico escolar dos educandos. Tempo de escolaridade anterior ao ingresso no CEF 03 do Gama, os motivos que os levaram a abandonar estudos e seus sentimentos em relação a esse fato, bem como o impacto desse evento sobre suas vidas foram alvo dos questionamentos. “Não estudei porque era criança e os adultos não me matricularam.”, “Não conseguia ler as receitas quando era cozinheiro.” “Se tivesse estudado, certamente teria me formado.” Essas e outras tantas outras respostas oferecidas nesse tópico, são reveladoras do sentimento de fracasso e inadequação que permeia as vidas dessas pessoas como ficou demonstrado na maior parte das entrevistas.

Os resultados levantados nessa pesquisa se encontram detalhados nos parágrafos abaixo:

A secretaria da escola matriculou na 3ª Etapa, Turma A um total de 24 estudantes, dos quais 07 desistiram e 02 foram promovidos para a 4ª Etapa durante o processo. Restariam 15, não fossem 04 matriculados na 4ª Etapa que insistiram em assistir aulas na 3ª Etapa, sob a alegação de adquirirem pré-requisitos e consolidarem seus conhecimentos. Assumiram o ônus da reprovação por entenderem que o objetivo principal é o aprendizado e não a promoção e optaram por recuperar conteúdos e habilidades que entendiam essenciais para prosseguir estudos. A turma possuía, então 19 educandos frequentes. Destes, 16 foram entrevistados, os demais não estavam presentes nas duas ocasiões em que as entrevistas foram realizadas.

A faixa etária dos estudantes frequentes variava entre 15 e 69 anos, sendo que a média era de 39 anos. Todos residiam nas imediações da escola, com apenas uma exceção: um morador do bairro Céu Azul, localizado na cidade vizinha de Novo Gama. Quanto ao gênero, eram 11 estudantes de sexo masculino e 08 de sexo feminino. Dois educandos, um de cada sexo, assumiam abertamente orientação sexual homossexual.

Entre os entrevistados, 07 estavam formalmente empregados, 01 se declarava autônomo, 01 era proprietário rural, 01 beneficiário da previdência social, 02 aposentados e os demais estavam desempregados. A ocupação com maior número de representantes era a de Auxiliar de limpeza e serviços gerais (03), seguida pelos zeladores e balconistas (02). Os demais se identificaram como empreiteiro, vigilante, auxiliar de serralheria, auxiliar de cozinha, pedreiro, catador de recicláveis e empregada doméstica. Dois estudantes, ambos com 15 anos, ainda não haviam definido ocupação. Todos os desempregados sobreviviam de trabalhos temporários.

A renda familiar variava entre um e dez salários mínimos. Detectamos que as rendas mais elevadas são compostas essencialmente de proventos de aposentadoria de servidores da carreira de Assistência à Educação da própria Secretaria de Estado de Educação do DF. Entre os empregados e aposentados se destaca o longo tempo de permanência nas empresas empregadoras. O tempo médio declarado foi de 13 anos de serviço, variando entre 02 e 30 anos. A maioria conseguiu emprego por indicação de amigos e parentes e se declarou satisfeita com seus empregos.

Quanto à escolaridade, a pesquisa buscou determinar se o estudante havia frequentado o Ensino Regular em alguma época da vida. Desses, 11 dos entrevistados frequentaram a escola durante a infância em períodos que variaram entre 08 meses e 04 anos. A média de tempo detectada foi de 21 meses. Entre os frequentes, 04 nunca estiveram na escola regular e a EJA era sua primeira experiência de educação formal.

Os motivos que culminaram com a evasão do Ensino Regular podem ser divididos entre 04 categorias principais: necessidade familiar de mão de obra auxiliar no trabalho da lavoura, casamento (causa comum entre as mulheres), desinteresse (causa apontada exclusivamente por adolescentes e adultos nascidos no DF) e problemas familiares. Nesta última categoria, destacamos o papel de homens que, na qualidade de pais negaram educação formal aos filhos: alguns não providenciaram matrícula por não reconhecerem valor no estudo e um outro que não matriculou as filhas por considerar que a educação das mulheres se resumia às atividades do lar.

Uma constatação importante é que, com uma única exceção (um estudante que não mantém contato com o filho), a prole dos entrevistados estuda ou estudou regularmente e muitos já concluíram os Ensino Médio, havendo casos de conclusão do Ensino Superior.

A pesquisa verificou também a vida escolar dos estudantes na modalidade EJA. O tempo de percurso variava de 02 meses a 04 anos, sendo que a média foi de 17 meses. A maioria voltou a estudar por decisão própria, por constatar as dificuldades derivadas da falta de estudos e/ou para alcançar objetivos que vão desde melhorar a escrita, passar por melhorias no emprego e vão até a conclusão do Ensino Médio ou o acesso à universidade. Apenas um educando (matriculado há apenas 02 meses), não soube apontar nenhum progresso após sua inserção nas Educação de Jovens e Adultos. Todos os demais definiram objetivamente habilidades que foram alcançadas ou otimizadas através das atividades desenvolvidas durante as aulas.

Identificamos que 07 estudantes vieram do estado do Piauí, 02 da Bahia, 02 da Paraíba, 01 do Maranhão e 01 do Rio Grande do Norte, perfazendo um total de 13 alunos oriundos da Região Nordeste. Entre os demais, 05 são do Distrito Federal e 01 é natural de Luziânia, cidade goiana que cedeu território para a construção de Brasília, evento do qual o referido estudante participou ativamente. Os nordestinos vieram para Brasília em busca de trabalho ou para se juntar a parentes que já haviam se estabelecido na capital e, que por sua vez, também vieram em busca de melhores condições de vida. Entre todos os entrevistados, apenas 02 já pensaram em sair de Brasília para morar em outras unidades da federação. A maioria sequer cogita a possibilidade de se mudar ou voltar aos seus estados de origem. O tempo de permanência no DF varia de 02 meses a 52 anos. O tempo médio de residência é de 22 anos.

Quando nos defrontamos com o tempo que essas pessoas residem no DF, podemos ser levados a pensar que conhecem muito bem a cidade, seus limites e logradouros, sua importância política e econômica, bem como a história ímpar de sua construção. Como vimos, a maioria não pensa em voltar para seus estados de origem e, segundo suas próprias afirmações, gostam muito da cidade. Alguns verbalizam claramente que aquilo que é considerado ruim em Brasília, ainda é muito melhor do que em outros lugares. Suas respostas nos levam a uma compreensão inicial de que uma identidade foi estabelecida em relação ao novo território. “A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar de residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”. (SANTOS, 2006, p.14)

Entretanto, essa ideia não resiste a uma análise mais aprofundada. A não ser por um único estudante que vivenciou a história da cidade desde que trabalhava na construção dos primeiros edifícios e que permaneceu intimamente interessado na trajetória da “nova” capital, os demais sequer sabiam o significado da palavra capital. Desconheciam as atribuições dos três poderes e imaginavam que deputados “cuidam da segurança ou escrevem cartas de emprego”. Cidadãos nascidos ou criados em Brasília afirmavam conhecer toda a cidade, mas quando perguntados sobre os edifícios monumentais respondiam: “só conheço de longe”. Outros perguntavam se podiam entrar nesses locais. Houve quem dissesse que a cidade foi criada pelos índios e quem conhecesse apenas a rodoviária porque ao longo da vida, lá estivera uma única vez e acompanhado.

Esses primeiros exemplos podem ser considerados limites, mas existe um perfil que caracteriza a maioria: aqueles que trabalham ou já trabalharam no “Plano Piloto” circulam e conhecem com certa desenvoltura os centros comerciais, os hospitais e as principais vias, compreendem informações básicas sobre os serviços de saúde, e transporte. Moraram ou conhecem algumas cidades satélites, mas ainda assim não se sentem à vontade ou manifestam interesse pelos produtos culturais que são produzidos na cidade. Não manifestam sentimentos de pertencimento em relação à cidade e a região. Não frequentam cinemas, espetáculos teatrais ou de dança. Não visistam exposições, nem museus. Os logradouros de valor artístico e histórico são na maioria desconhecidos, na verdade se constroem diante de ambientes que julgam ser “luxuosos” ou formais. Segundo Barbosa(1991), sem conhecimento de arte e história não é possível a consciência de uma identidade nacional. Caracteriza-se dessa forma, que a construção de uma identidade em relação a Brasília ainda não se completou pois, gostar de um lugar não implica em amar e entender tal lugar.

Os estudantes ouvidos não saíram da Região Nordeste do país para estudar ou conhecer novos lugares. Vieram como retirantes, não havia condições para permanecerem em seus territórios de origem pois “não havia trabalho”, “a vida era dura”. Essas frases ilustram o desterro, produto de um processo historicamente marcado pela perversidade e subalternização de uma população expressa em milhões de indivíduos. Um desterro que os levou a migrar para outras regiões em busca de melhores condições de vida e se apartar não só de suas famílias, mas também de costumes e tradições. Essa população teria, a exemplo de outros grupos humanos, mantido suas tradições culturais no território adotado? Seria essa a explicação para que Brasília seja ainda uma desconhecida para o grupo estudado? Segundo Klein, Silva e Mata (2012), a constituição destes “sujeitos marginais” não provem, portanto, de opção pessoal, de desvio social ou de incapacidade intrínseca, mas deriva, fundamentalmente, das formas histórico-sociais de existência dos homens vinculadas às condições materiais de vida instituídas.

Partindo da compreensão das condições objetivas que provocaram o desterro e alienação cultural desses indivíduos, não causa estranhamento o fato de não encontrarmos uma colônia de nordestinos conscientemente empenhada na manutenção de suas tradições. Na verdade, constatamos que os produtos culturais do nordeste estão sendo esquecidos ou nunca foram inteiramente assimilados. Ao iniciarmos os estudos sobre Brasília, imaginamos partir de conteúdos culturais que fossem comuns a maioria. Isto é, partimos da análise de narrativas

que faziam referência à realidade da região Nordeste e fomos surpreendidos ao constatar que produtos culturais nordestinos extremamente populares em todo o Brasil, não eram reconhecidos. Os estudantes tinham vagas lembranças de algumas músicas, mas não compreendiam suas letras (Asa branca e Vaca Estrela e boi Fubá são alguns exemplos). Não foram capazes de fazer a leitura de obras da escultura popular e nem pareceram atribuir a essas maior valor. Nunca ouviram falar de Mestre Vitalino ou de Patativa do Assaré. Não valorizam um trabalho em renda ou bordado, mais do que valorizam produtos similares de origem industrial. Apenas um aluno demonstrou conhecer um folheto de cordel e, de todas as formas de arte popular, a mais lembrada é a dança e ainda assim praticamente reduzida ao forró e as quadrilhas juninas. Apenas os festejos populares, notadamente as festas religiosas, são de conhecimento de todos. Entretanto, durante o processo de análise destes produtos, reconheciam ali sua história, sua origem.

Ficava definida assim, a problemática que justifica esse projeto interventivo: como possibilitar a inclusão cultural de uma população que tendo sido forçada a abandonar seu território de origem, perdeu grande parte de seus referenciais culturais e segue, já estabelecida num novo território, sem acessar e compreender os produtos que lhe garantiriam uma inserção consciente, produtora e consumidora de bens culturais?

De acordo com Soares (2004), letramento é o desenvolvimento de comportamento e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais.

A língua portuguesa e o uso rotineiro e funcional da escrita no dia a dia é o desafio do processo de letramento em curso nas duas últimas etapas do 1º Segmento da EJA. A leitura de diversos gêneros textuais e a compreensão e conseqüente uso do sistema de escrita são os veículos privilegiados para a intervenção que pretende facilitar a inclusão cultural dos educandos, não apenas na cidade residência, como no “Plano Piloto”, na sua região de origem (pois se pode pertencer mesmo que a distância) e também no mundo virtual.

A sala de aula é o espaço privilegiado para a efetivação da proposta, uma vez que o desenvolvimento do currículo se dá através da leitura e análise de gêneros textuais que exploram a temática aqui definida. Entretanto, é uma intervenção que ganha consistência à medida que se expande para outras dependências da escola (notadamente o laboratório de informática), para a cidade do Gama e para espaços e monumentos da capital brasileira. O espaço virtual e o uso de recursos audiovisuais nos permitem também, a “visita” a lugares distantes através do uso de mapas, da visualização de imagens e a interação com instituições e

indivíduos de outros territórios. Assim a leitura e a escrita não se resumem aos gêneros tradicionalmente privilegiados pela escola pois, inclui a leitura de esculturas e telas, mapas e plantas, fotografias e objetos artesanais, materiais concretos e manipuláveis e outros tantos disponíveis apenas no campo virtual.

A cidadania pressupõe o exercício de direitos básicos. No caso em tela, o acesso ao conhecimento e a bens culturais, são ainda direitos a serem conquistados e, uma vez alcançados possibilitarão o exercício consciente de seus direitos e deveres como cidadãos, contribuintes, eleitores e chefes de família.

De acordo com LARAYA (2004), a cultura é uma lente, através da qual o homem vê o mundo. Homens diferentes usam lentes diversas e portanto têm visões desencontradas das coisas. Essas lentes nos permitem enxergar fatos, situações e pessoas de forma única. Elas clareiam, obscurecem, aumentam, distorcem a realidade ao nosso redor. Que a intervenção, ora proposta, possa clarear a realidade e nesse percurso desenvolver o potencial cognitivo e transformador de nossos estudantes em relação a si mesmos, aos outros, a sociedade e o tempo em que vivemos. Que essa ação não se constitua numa troca de lentes, mas que possa melhorar a capacidade daquelas que esses estudantes já possuem.

2 - Objetivos

2.1 - Objetivo Geral

Construir coletivamente um processo de re-conhecimento de elementos da cultura nordestina e do processo histórico e econômico que promoveu a migração maciça de indivíduos da Região Nordeste para Brasília, ao tempo em que se promove o acesso à história da nova capital e aos bens culturais disponíveis a população.

2.2 - Objetivos específicos

- Relatar e ouvir histórias de vida que forneçam fatos que demonstrem a origem dos estudantes e o processo que culminou com a migração para Brasília;
- Ler e interpretar textos escritos e imagéticos que remetam à realidade nordestina, sua cultura, artistas e produtos culturais característicos da região;

- Estabelecer relação entre o exercício do poder pelas oligarquias nordestinas e o impacto das catástrofes climáticas com os processos de subalternização das classes populares como causas da migração maciça dos al que provocou a migração dos alunos e de tantos outros nordestinos;
- Identificar na realidade do novo território as características comuns entre a Região Nordeste e Brasília, no que se refere às relações de poder e suas implicações, bem como as dificuldades de acesso ao patrimônio cultural da cidade;
- Perceber a si e a outros como cidadãos de um novo território em contínuo processo de luta, vivência e de construção da cidadania;
- Conhecer, reconhecer e valorizar produtos e produtores culturais característicos da Região Nordeste e de Brasília;
- Usufruir de espaços e produções destinados à fruição de obras de arte visuais, musicais, literárias, cênicas e arquitetônicas, para valorizar as manifestações da arte popular;
- Utilizar recursos tecnológicos como meios para se inteirar da realidade, resgatar e se apropriar de conhecimentos, acessar bens culturais e comunicar-se com outros e interagir no espaço virtual;
- Acessar saberes linguísticos, históricos, geográficos, artísticos e científicos que lhes permitam a reflexão sobre sua realidade pessoal e social, com vistas a intervenção e transformação das mesmas.

3. Atividades/ responsabilidades

Que fique bem claro que “saber ler” não é simplesmente juntar as letras formando palavras, juntar palavras formando frases e nem juntar frases formando textos, saber ler não é simplesmente ler, saber ler é entender, é ler e depois expressar aquilo que leu com suas próprias palavras, saber ler é saber interpretar. (FREIRE, 1986, p. 14)

As atividades começaram no segundo semestre de 2013 e devem se estender até o final do primeiro semestre de 2014. Não se trata de atividades estanques, desligadas da rotina da sala de aula. Na verdade, a sala de aula é o espaço privilegiado dessa intervenção, pois ao adotarmos uma postura transdisciplinar desenvolvemos as habilidades previstas para o 1º Segmento, nas disciplinas Língua portuguesa, Arte e Ciências Humanas através de atividades que contemplam os objetivos expostos nesse documento. Assim, os conteúdos relativos à linguagem oral, a leitura e escrita de textos, ao sistema alfabético e ortográfico, a análise linguística, à expressão artística e fruição de obras de arte, o Distrito Federal, direitos civis,

políticos e sociais, tecnologia e mundo do trabalho, relações de trabalho na história do Brasil, o estado brasileiro, a organização e participação da sociedade e os espaços rurais e urbanos foram abordado através de gêneros textuais diversificados e as atividades que os enfocavam aliava-os à proposta do projeto de intervenção aqui detalhado. Assim, o letramento e a compreensão freiriana de leitura permeou todas as atividades realizadas, mantendo o norte delimitado no documento Currículo em Movimento da Educação Básica- Educação de Jovens e Adultos, que prevê entre os objetivos do 1º Segmento:

- Desenvolver maior desenvoltura na oralidade;
- Desenvolver a capacidade de escuta e fala ao mesmo tempo e espaço de fala do outro;
- Compreender o funcionamento do sistema de escrita, das características e normas que condicionam seu uso;
- Fazer uso dos conhecimentos linguísticos em suas práticas sociais com a finalidade de intervenção e transformação da realidade.

Apresentação do tema: As linguagens da arte



Figura 2: *Imagem* do Seminário As Linguagens da Arte – CEF 03 do Gama- 1º semestre/13

Antes mesmo do começo formal da intervenção, promovemos um encontro que

reuniu todas as turmas do 1º Segmento para a visualização e debate do vídeo “A invenção de Brasília” de Renato Barbieri com roteiro de Victor Leonardi, produzido pelo Núcleo de Documentários da TV Cultura. A atividade foi uma ação do Projeto de Inclusão Cultural da EJA, desdobramento deste projeto de intervenção e parte integrante do Projeto Político Pedagógico da escola. Na ocasião, o vídeo foi interrompido várias vezes para que os educandos pudessem ilustrá-lo com seus relatos pessoais (muitos participaram da construção de Brasília) e expor suas dúvidas e questionamentos.



Figura 3: Entrevista individual – CEF 03 do Gama – agosto/13

Já no início do segundo semestre, à medida que efetuávamos entrevistas individuais para a consolidação do diagnóstico, começávamos o trabalho de letramento através da leitura e interpretação do texto “A história do menino José Maria”. O texto, de nossa autoria, é uma espécie de síntese das histórias de vida dos estudantes: José Maria, seria um menino nordestino obrigado a trabalhar na “roça” ainda criança para ajudar sua família. Quando ia estudar já estava cansado, extenuado pela jornada de trabalho cumprida e o longo percurso feito até chegar à escola. Sucessivas reprovações o fizeram acreditar ser incapaz de aprender. Já moço, Zé Maria veio para Brasília em busca de uma vida melhor. Encontrou emprego na construção civil, mas tinha grandes dificuldades causadas pelo analfabetismo. Finalmente,

matriculou-se na EJA, atitude que contribuiu para que acreditasse em si e na importância do conhecimento.

O trabalho com esse texto se revelou muito produtivo pois os estudantes ali se reconheceram e puderam dividir sua experiência com o grupo. Ficou demonstrada a maioria nordestina que compunha a turma e/ou a origem familiar de muitos dos não nordestinos, e que a história de José Maria era similar às suas próprias histórias. A atividade motivou uma série de perguntas sobre os estados do nordeste, algumas respondidas pela própria classe e outras manifestando o pouco conhecimento sobre sua região e a organização política do estado brasileiro. Prosseguimos, então com análise de um texto informativo sobre a Região Nordeste, seus estados e capitais, bem como a definição de cidade, capital e dos poderes legislativo, executivo e judiciário. A atividade que foi complementada com a leitura de mapas, interpretação escrita do texto, além de outras relativas ao sistema alfabético como era previsto para aquela etapa.

Ao longo do semestre, outros textos foram devidamente explorados: “Continho” de Paulo Mendes Campos, “Vaca Estrela e Boi Fubá” e “ABC do nordeste flagelado” de Patativa do Assaré, “Vitalino- A importância do fazer” de Dirceu Zaleski Filho e Samanta Martinelli Carlucci, “O bicho” de Manoel Bandeira, “Asa Branca” e “A volta da Asa Branca” de Humberto Teixeira e Luís Gonzaga. Trabalhamos também com as biografias do Mestre Vitalino e Patativa do Assaré, ambas recolhidas na Internet, assim como foram os textos e imagens sobre rendas e bordados nordestinos, mamulengos e folhetos de cordel. Textos imagéticos também foram alvo de análise e interpretação: fotografias de Sebastião Salgado enfocando aspectos da vida nordestina, paisagens e festas populares. Imagens da obra de Vitalino e seus seguidores e “Negra tatuada vende cajus” de Jean Baptiste Debret. E, sempre que possível, associamos o texto estudado à imagem do autor ou do biografado.

O trabalho com os textos citados em momento algum se omitiu de explorar, através dos mesmos, os conteúdos previstos para aquela etapa tais como:

- Sistema alfabético e ortografia- alfabeto, letras, sílabas e palavras, segmentação das palavras, sentido e posicionamento da escrita na página, ortografia, acentuação e pontuação;
- Leitura e escrita de textos- listas, instruções, formulários e questionários, folhetos, cartazes, bilhetes, músicas, poesias, ditos populares, cordel, crônicas, relatos, biografias, textos de informação histórica e científica;
- Análise linguística- campos e léxicos, flexão de palavras e concordância e substituição de palavras.

Currículo em Movimento (2013)

Importante ressaltar que uma proposta de leitura e interpretação de texto se dá em várias etapas. A primeira seria a análise da silhueta do texto uma vez que a simples disposição

deste no plano já nos dá uma ideia do gênero ao qual pertence. A exploração do título, das informações da fonte e das possíveis visualidades também pontuam esse momento.

A leitura silenciosa, a leitura do professor e a leitura do estudante em voz alta (na totalidade ou por trecho) constitui um momento de excepcional importância para a compreensão do texto, sua musicalidade e as marcações definidas pelos sinais de pontuação. A discussão em torno do que foi lido, o significado de palavras ou expressões novas ou de detalhes (caso de imagens, diferentes tipos de letras, códigos desconhecidos...), democratiza as várias interpretações que serão consolidadas em atividades escritas. O texto quer seja de uma fonte externa, quer seja do aluno ou produção coletiva da turma, vai nos oferecer ainda condições para trabalhar com o sistema alfabético de escrita e de análise linguística. Quando esse texto remete a uma temática significativa para o aluno, no qual ele possa reconhecer a si e ao mundo em que vive, ficam dadas as condições de relacionar os conteúdos expressos no currículo com a capacidade de ler o mundo.



Figura 4: aula com a letra da música “Vaca Estrela e Boi Fubá” – março/2013

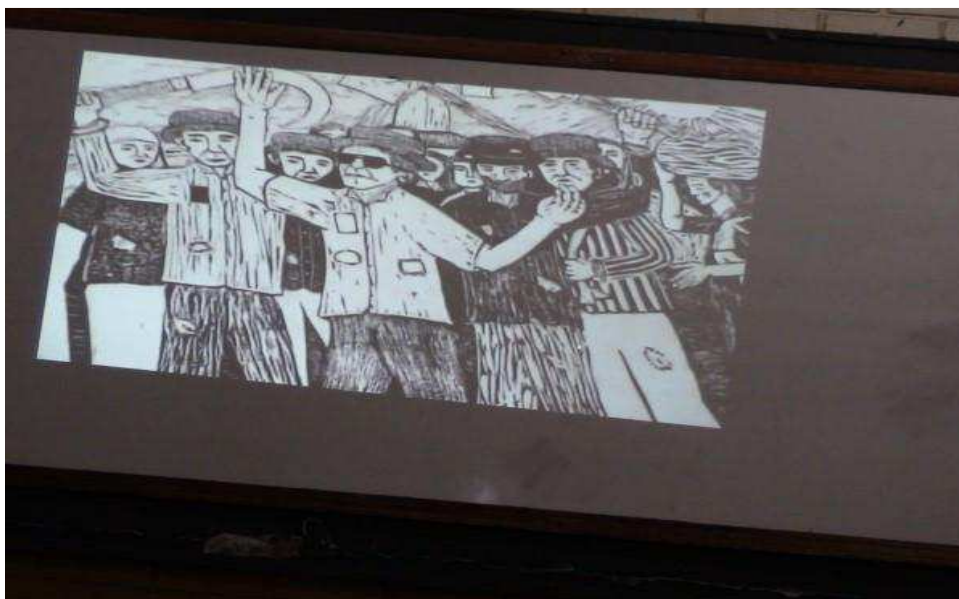


Figura 5: “O Milagre de Santa Luzia”- biografia de Patativa do Assaré- abril/2103

Além dos textos escritos e das imagens da paisagem geográfica e social da Região Nordeste, utilizamos outros recursos para o desenvolvimento da intervenção. Destacamos a “viagem do Gama a Assaré”, realizada através do aplicativo Google Earth, como uma das que mais despertou o interesse dos alunos. Estudáramos a biografia do poeta cearense Patativa do Assaré e seu nome despertara grande curiosidade: O que significa Patativa? Por quê de Assaré? Explicações orais não saciavam a curiosidade. Por isso, associar o Vídeo “O milagre da Santa Luzia” à uma viagem pelo Google foi muito esclarecedor. Além de proporcionar, a partir daí, que cada um “viajasse” também às suas cidades de origem. Outros vídeos foram utilizados durante o percurso: “Vida Maria”, de Márcio Ramos, um episódio do programa “Profissão Repórter” sobre a última seca na região e cujas imagens de carcaças de gado sendo jogadas diante de bancos e a distribuição de água contaminada para as populações flageladas foram extremamente impactantes e geraram debates sobre cidadania e justiça social. O filme “Luís Gonzaga, de pai pra filho”, do diretor Breno Silveira também foi exibido, assim como o documentário sobre a vida do artista produzido pelo programa “Fantástico” da Rede Globo de Televisão. Os vídeos mencionados foram projetados em tela grande de forma a democratizar seu conteúdo para os portadores de limitações visuais.

O laboratório de informática da escola sempre estivera fechado e várias “explicações” nos eram oferecidas no intuito de justificar sua ociosidade. Ora nos falavam que havia sido violado por ladrões e que estaria imprestável, ora a explicação era de que não havia sinal de internet. Insistimos em vê-lo e descobrimos que a limitação era bem menor que

as alegadas até então: as várias máquinas estavam configuradas com diferentes programas. Ainda assim insistimos em levar os alunos. Realizamos atividades para o conhecimento mínimo do equipamento, construímos frases utilizando os editores de texto e os alunos puderam visitar suas cidades e/ou as capitais de seu estados de origem através de vídeos no *Youtube* ou do banco de imagens do Google.



Figura 6: Estudantes do 1º segmento da EJA do CEF 03 do Gama- DF em 18/11/2013

Fizemos uma parceria com um grupo da sociedade civil organizada, autodenominado “Equipe que faz a diferença”, que não só providenciou a reconfiguração das máquinas do laboratório, como promoverá palestras para todos os alunos do CEF 03 do Gama sobre os perigos do uso criminoso das redes sociais. A direção, providenciou um professor readaptado que, neste ano será responsável pelo laboratório de informática e atuará em parceria com os professores regentes nos projetos que envolvam o uso da informática.

A intervenção realizada até aqui não ficou restrita à sala de aula e ao laboratório de informática. Ela se expandiu por todo o primeiro segmento, à medida que incluímos outras turmas em atividades que a princípio eram exclusivas da turma da 3ª Etapa. Assim foi que 26 estudantes de todo o 1º Segmento nos acompanharam na visita feita ao Centro Cultural Banco do Brasil onde apreciamos a exposição “Um olhar sobre o Brasil - A fotografia na construção

da nação”.



Figura 7: visita ao CCBB com os alunos do 1º segmento do CEF 03 do Gama – out/2013

A parceria com a “Equipe que faz a diferença” também nos proporcionou os meios de transporte que permitiram levar aproximadamente 80 estudantes de ambos os segmentos da EJA à 31ª Feira do Livro de Brasília.



Figura 8: Visita à feira do livro de Brasília – estudantes da EJA – CEF 03 do Gama -



Figura 9: Visita à Feira do Livro de Brasília – Estudantes do 1º segmento CEF 03 do Gama: Maria e Lucilene

Finalmente, a culminância das atividades pedagógicas do turno noturno, em ambos os segmentos da EJA, se deu na tradicional Feira Cultural da escola. O tema de nossa sugestão foi adotado e assim, estudantes e professores exibiram trabalhos visuais e escritos,

vídeos, reálias e comidas típicas que ilustravam “Uma viagem do Nordeste à Brasília”. O primeiro segmento organizou salas com paisagens nordestinas, comidas típicas da região, arte e artesanato, música e dança e os alunos da zona rural trouxeram uma mostra sobre literatura de cordel. O segundo segmento desenvolveu os mesmos temas com enfoque sobre Brasília. Estava feita a ponte para os trabalhos que pretendemos desenvolver na turma da 4ª Etapa do primeiro segmento no primeiro semestre de 2014.



Figura 10: Imagem da feira cultural “Uma Viagem do Nordeste à Brasília” realizada no CEF 03 do Gama – 01/11/2014



Figura 11: Feira Cultural “Uma viagem do Nordeste à Brasília” - no CEF 03 do Gama – 01/11/2014



Figura 12: Apreciação dos estudantes da Feira Cultural, “Uma Viagem do Nordeste à Brasília”, no CEF 03 do Gama – 01/11/2014



Fig. 13: Apreciação de trabalhos manuais - Feira Cultural, “Uma Viagem do Nordeste à Brasília” - CEF 03 Gama – 01/11/14

Paralelo às atividades pertinentes a este projeto de intervenção no CEF 03 do Gama, o processo de acolhimento e de integração entre professores e estudantes, dos estudantes entre si e da turma alvo do projeto com as demais turmas do 1ºSegmento, se constituiu num elemento que, criando um ambiente descontraído e marcado pelo apoio mútuo, contribuiu para que o foco do projeto fosse mantido e sua temática agregada aos diálogos em classe e fora dela.

A EJA é historicamente marcada por altas taxas de evasão. Ao começarmos o trabalho tínhamos como meta a manutenção do grupo de estudantes para que a intervenção pudesse ser observada num grupo representativo e assim fosse melhor avaliada, além de criar vínculos e interesses que pudessem representar obstáculos à ação do cansaço e da baixa autoestima. Para tanto, mantivemos uma série de ações que se prolongaram ao longo do semestre. Uma delas foi a oferta de um lanche diário, independente da merenda escolar, realizado em sala de aula e ofertado por professores e educandos. Esse lanche, constituído por café, chá e guloseimas, criou um momento informal onde as pessoas se confraternizavam, repartiam experiências e continuavam a discussão dos assuntos que estavam sendo debatido nas aulas.

A realização de jantares de confraternização, festas comemorativas (inclusive do Dia da Criança), aniversários e jogos foram outras ações que proporcionaram a integração do grupo e o conseqüente interesse de continuar a frequentar as aulas.



Figura 14: “Festa da Criança Grande” – CEF 03 do Gama – outubro/2014



Fig.15: Festa da Criança Grande com temática nordestina – CEF 03 do Gama – outubro/2014

As entrevistas da fase de diagnóstico, nos forneceram endereço e telefone dos educandos, que eram imediatamente contatados em caso de faltas sucessivas e/ou necessidade contato com os responsáveis no caso dos alunos menores de 18 anos. A oferta de tarefas para serem realizadas durante o período de férias escolares, também foi uma ação deflagrada no intuito de promover a continuação de estudos e manter sua ligação com a escola. Durante o espaço de tempo aqui focado, perdemos estudantes para trabalhos noturnos, problemas familiares e econômicos, doenças graves e outros. Entretanto, essa perda se deu numa proporção bem menor que em outras turmas do mesmo segmento no mesmo período. A turma da 3ª Etapa de 2013 era a mais numerosa do segmento e assim continuou. A turma da 4ª Etapa de 2014 é hoje a mais numerosa e o trabalho está em andamento.



Figura. 16:Aula-passeio à Praça dos Três Poderes em19/03/2014

A reconfiguração das máquinas do laboratório de informática já foi realizada e este vem sendo usado regularmente. Neste semestre, começamos trabalhando um texto sobre Brasília, sua inauguração, o espaço onde foi construída, a decisão do então presidente Juscelino Kubitschek e os papéis desempenhados por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. A análise dos mapas do Plano Piloto e do Distrito Federal também já foi realizada. Fizemos contato com a Secretaria de Cultura do Distrito Federal para que possamos assistir uma das apresentações da orquestra sinfônica ou a um filme no Cine Brasília. A Secretaria de Estado de Fazenda nos forneceu 25 exemplares do livreto “Gama, nosso sonho, nossa história”, para

que ao tratar do Distrito Federal, não incorramos no erro de restringir o estudo à Brasília monumental e/ou sede dos poderes constituídos.

Estão previstas, para esse semestre, várias atividades conforme prevê o cronograma do PIL. Mas, a cada etapa concluída percebemos que se abre um leque de possibilidades que nos permitem imaginar diversos outros desdobramento para essa experiência. Caminhando, fazemos o caminho e somos iluminados por novos saberes, emoções e a certeza que os métodos de ensino e as temáticas que os viabilizam, necessitam de relação dialógica. O espaço de confiança sem o qual a experiência educativa perde significação e empobrece.

4 - Cronograma

Período de realização	Ações realizadas e previstas
1º Semestre/ 2013	<ul style="list-style-type: none"> ● Testagem do instrumento de diagnóstico do PIL (entrevistas individuais). ● Elaboração e aprovação do “Projeto de inclusão cultural dos alunos da EJA, apensado ao Projeto Político Pedagógico do CEF 03 do Gama. ● Exibição do vídeo “Vida Maria” de Márcio Ramos ● Leitura e interpretação de textos de informação histórica sobre Brasília. ● Exibição do filme “A invenção de Brasília” de Renato Barbieri. ● Seminário “As Linguagens da Arte”
Agosto de 2013	<ul style="list-style-type: none"> ● Diagnóstico socioeconômico e cultural, realizado sob a forma de entrevistas individuais com os alunos. ● Leitura e interpretação dos textos: “A história do menino José Maria” de Mardete Sampaio, “Região Nordeste” adaptado do verbete da Wikipédia, “Continho” de Paulo Mendes Campos e “Mestre Vitalino-A importância do fazer” de Dirceu Zaleski Filho e Samanta Martinelli Carlucci. ● Leitura de imagens da obra de Vitalino
Setembro de 2013	<ul style="list-style-type: none"> ● Leitura e interpretação dos textos: “A história do artista popular” adaptado de www.popular.art.br, “Biografia de Patativa do Assaré”

	<p>adaptado do verbete da Wikipédia, “Vaca Estrela e Boi Fubá” de Patativa do Assaré.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Leitura para deleite de “ABC do Nordeste Flagelado” de Patativa do Assaré. ● Viagem virtual do Gama a Assaré, através do aplicativo <i>Google Earth</i>. ● Visita à exposição “Um olhar sobre o Brasil, a fotografia na construção da imagem da nação” oferecida pelo Programa Educativo do Centro Cultural Banco do Brasil. ● Exibição e debate sobre vídeo do programa “Profissão Repórter”, produzido pela Rede Globo de Televisão e que trata da seca do ano de 2013 na região nordeste.
Outubro de 2013	<ul style="list-style-type: none"> ● Associação de textos às imagens de rendas e bordados nordestinos, literatura de cordel e mamulengos. Materiais extraídos da Internet. ● Festa da criança grande. ● Aula expositiva apoiada em exibição de <i>slides</i>: O nordeste brasileiro a partir do olhar de Sebastião Salgado e outros fotógrafos. ● Interpretação de imagens e produção de textos sobre a temática do PIL.
Novembro de 2013	<ul style="list-style-type: none"> ● Leitura e interpretação do texto “Nossa Turma”, produzido a partir dos dados coletados no diagnóstico efetuado com vistas ao PIL. ● 1ª visita ao laboratório de informática para conhecer os primeiros recursos do equipamento. ● 2ª visita ao laboratório de informática para construir pelo menos uma frase sobre sua terra utilizando os recursos do editor de textos e visualizar imagens de suas cidades de origem e/ou as capitais estaduais nordestinas através do Google imagens. ● Leitura e interpretação do texto “O Bicho” de Manoel Bandeira. ● Interpretação de reprodução da gravura “Negra tatuada vende cajus” de Jean Baptiste Debret. ● Visita à 31ª Feira do Livro de Brasília.
Dezembro de	<ul style="list-style-type: none"> ● Exibição do filme “Luís Gonzaga, de pai pra filho” de Breno

2013	<p>Silveira.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Exibição, seguida de debate sobre vídeo produzido pela Rede Globo de Televisão e veiculado no programa “Fantástico” sobre o centenário de Luís Gonzaga. ● Leitura e interpretação dos textos: “Asa Branca” e “A volta da Asa Branca” de Luís Gonzaga e Humberto Teixeira. ● Jantar de confraternização do 1º Segmento com exibição de vídeo com imagens dos melhores momentos do semestre.
Fevereiro de 2014	<ul style="list-style-type: none"> ● Diagnóstico socioeconômico e cultural realizado através de preenchimento de formulários. ● Leitura e interpretação de texto com informações históricas sobre Brasília. ● Produção textual: lista de lugares de Brasília para conhecer ou rever.
Março de 2014	<ul style="list-style-type: none"> ● Leitura e interpretação do poema “Povo transplantado” de Climério Ferreira. ● Leitura e interpretação do verbete “candango”, extraído da Wikipédia”. ● Reapresentação do vídeo “A invenção de Brasília”. ● Aula passeio pelo Eixo Monumental, com leitura prévia de mapa e ênfase na Praça dos Três Poderes”. ● Pesquisa de imagens da construção de Brasília
Abril de 2014	<ul style="list-style-type: none"> ● Visita a II Bienal do Livro e da Leitura ● Pesquisa no site www.soubrasil.com para identificação de paisagens urbanas e rurais. ● Pesquisa na Wikipédia do verbete Capital, seguida da visualização de imagens de várias capitais nacionais das américas, Europa e Ásia. ● Leitura e interpretação do texto informativo “Brasília” e do quadro sinótico “O que é uma capital”. ● Biografia de Oscar Niemeyer. Pesquisa na Internet para responder a roteiro definido pela professora.

	<ul style="list-style-type: none"> ● Análise da letra da música “Brasília” de Sérgio Sampaio ● Identificação de obras dos artistas colaboradores de Niemeyer: Athos Bulcão, Marianne Perreti, Alfredo Ceschiati, Bruno Giorgi e Burle Marx
Maio de 2014	<ul style="list-style-type: none"> ● Pesquisa em jornais, revistas e internet de imagens de Brasília, inclusive de fotos individuais dos alunos em logradouros do Distrito Federal. ● Confeção de painel sobre Brasília. ● Produção de diversos gêneros textuais (listas, relatos pessoais, bilhetes, cartas, poemas e outros) com temática referente a Brasília, sua história, organização política, aspectos sociais, econômicos e Culturais.
Junho de 2014	<ul style="list-style-type: none"> ● Divulgação de atividades culturais em cartaz em Brasília, no Gama e nas Regiões Administrativas mais próximas. ● Visita ao Cine Brasília ou outra sala de cinema.
Julho de 2014	<ul style="list-style-type: none"> ● Exibição de imagens em power point e banner para recuperar o percurso do PIL no período 2013/2014. ● Preenchimento de instrumentos individuais de avaliação das experiências e aprendizagens adquiridas através do PIL.

5 - Parceiros

- Direção do CEF 03 do Gama
- Sala de Leitura do CEF 03 do Gama
- Equipe que faz a diferença (Grupo da sociedade civil organizada)
- Secretaria de Estado de Fazenda do Distrito Federal
- Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal
- Bagagem - Companhia de Bonecos.

6 – Orçamento

Os recursos utilizados nessa intervenção são de origens diversas, ora são produtos de doação de parceiros, ora pertencem à própria escola, ora são oriundos da doação/ investimento

dos professores envolvidos. O fato de ser um projeto em curso e de construção contínua e coletiva não nos permitiu quantificar valores, pois o processo de adequação/ readequação é uma constante. Algumas ações são planejadas e cumpridas conforme a ideia original, outras vão sendo modificadas ou suprimidas, ao mesmo tempo que outras são agregadas. Assim, optamos por dividir esse item com base na origem dos recursos, sem especificar quantias, uma vez que estas não foram determinadas ao longo do processo.

Recursos oriundos de parcerias:

- Equipe que faz a Diferença: transporte para 31^a Feira do Livro de Brasília, palestras, configuração do laboratório de informática
- Grupo Bagagem-Companhia de Bonecos: Mamulengos expostos na Feira Cultural
- Secretaria de Estado de Fazenda do Distrito Federal: livreto “Gama, nosso sonho, nossa história”
- Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal: apresentação da Orquestra Sinfônica de Brasília
- Centro Cultural Banco do Brasil: transporte e monitoria da exposição “Um olhar sobre o Brasil – A fotografia na construção da nação”
- Outros

Recursos oriundos da escola:

- Mobiliário
- Laboratório de informática
- Auditório
- Alfabetários e silabários

Recursos oriundos dos professores envolvidos com o PIL:

- Equipamentos de informática: computadores, impressoras e projetores
- Câmeras digitais
- Impressões coloridas em papel fotográfico
- Reproduções de gravuras e fotografias
- Objetos artesanais
- Papéis diversos: cartolinas, papel cartão, papel ofício, papel kraft
- Materiais de consumo: pincéis, tintas, lápis de cor, cartuchos de impressora, cola e outros

- Lanches para atividades de confraternização e acolhimento
- Outros

7 - Acompanhamento e avaliação:

A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação essa que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade e acompanhamento passo a passo do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento. (HOFFMAN,1995, p. 18)

O conceito de avaliação expresso por Hoffmann traduz as características de um processo permanente, contínuo e que supõe intervenções sistemáticas, orientadas pela observação das respostas obtidas em relação às ações deflagradas e pela reflexão acerca dos elementos observados que, em função dos resultados, promove continuamente a adequação de suas ações e mesmo dos objetivos inicialmente propostos.

O Projeto de Intervenção local aqui apresentado é uma ação em curso. Muito do que foi proposto foi realizado. Mas, ainda é um projeto em construção. Tal situação cria um cenário não previsto no documento Orientação Para Elaboração Do Projeto De Intervenção Local (PIL) pois no ítem 10 do roteiro básico, acompanhamento e avaliação são tratados como algo a ser feito. O relatório de experiência por sua vez, pressupõe a avaliação de experiências já concluídas. Assim, nos cabe colocar que a o acompanhamento e avaliação em todas as etapas foi e será processual e contínuo. As experiências vividas, as construções coletivas de aprendizagens e as possibilidades de ressignificação dos conhecimentos anteriormente construídos são a base sobre a qual se assentam os processos e instrumentos de avaliação, conforme orientação do Currículo em Movimento da Educação Básica - Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Cabe ressaltar que o PIL foi construído a partir de propostas que pretendiam possibilitar aos estudantes a reflexão sobre seus valores e saberes, ao tempo em que dialogassem com novos conhecimentos e visões de mundo. Para tanto as atividades partiam de suas próprias experiências que eram, e são, paulatinamente enriquecidas com o olhar de poetas, músicos, escultores, cronistas, fotógrafos, pintores e outros artistas. Destacamos que à medida que o olhar, a história pessoal e a expectativa do estudante determinam os caminhos que os educadores seguirão no processo de ensino, este estudante é, consciente ou inconscientemente, o protagonista do processo pois, é ele que aponta o norte a seguir.

As dificuldades demonstradas pelos educandos indicam paralelamente as intervenções necessárias, não apenas a aprendizagem dos conteúdos previstos no currículo, como também a diversificação de atividades e recursos didáticos que considerassem/complementassem as contribuições trazidas por eles para o processo que então construíamos. Assim, a experiência de algumas educandas com tramas e bordados, as narrativas de um estudante que participou da construção dos principais prédios e monumentos da capital, as memórias de todos acerca da língua dos falantes nordestinos, as tradições culinárias partilhadas pela maioria, os relatos sobre festas, rezas, paisagens foram elementos que passaram cada vivência, cada atividade do per-curso.

A comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede na Diversidade (CTARD) em EJA contribuiu com a oferta de textos e visualizações que aprofundaram nosso olhar de professoras em relação ao objeto em foco nesse PIL. Os conteúdos sobre populações específicas, questões de gênero, trabalhadores e o mundo do trabalho e educação de temas específicos, foram particularmente enriquecedores. Mas, foi o contato com as ideias do professor Milton Santos e sua concepção de identidade e territorialidade que mais influenciaram esse trabalho.

- O território hoje é formado por lugares em rede: as redes constituem uma realidade nova.
 - Quem produz, quem comanda, quem disciplina, quem normaliza, quem impõe uma racionalidade às redes é o Mundo...
 - Quando se fala em mundo, está se falando, sobretudo de Mercado que hoje ao Contrário de ontem, atravessa tudo, inclusive a consciência das pessoas.
- (SANTOS, 1994)

Santos define claramente os resultados da democracia de mercado e do neoliberalismo. No Programa Roda Viva (1997), dizia que a globalização, ao contrário do suposto ideal de comunhão universal, seria o imperialismo em seu estado supremo. Os estudantes, público alvo dessa intervenção pedagógica, nada mais são do que peças movidas ao sabor dos interesses do mercado: ora mão de obra barata, ora consumidores tanto de produtos essenciais, como de outros tantos produtos que não necessitam, mas que foram levados a acreditar que são essenciais.

Ainda de acordo com Santos, a democracia de mercado e o neoliberalismo são necessários para reduzir as possibilidades de afirmação das formas de viver cuja solidariedade é baseada na contiguidade, isto é no território compartilhado. Seria o lugar o espaço de resistência aos processos perversos do mundo, dada a possibilidade real e efetiva de comunicação, da troca de informação, da construção política. Mas como alimentar qualquer

resistência, quando nos deparamos com a alienação? Como criticar e resistir quando a ignorância sobre nossas origens e sobre nossa realidade nos conduz, no máximo a uma leitura de mundo rasa e/ou um sentimento de inevitabilidade?

A ideia de que identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence, norteou reflexões e questionamentos que buscam determinar se há uma identidade brasileira. Essa identidade é reconhecida pelo aluno e o quanto ainda permanece de sua identidade nordestina? Até que ponto as fronteiras são para os habitantes de Brasília, divisões de grupos mais que divisões espaciais? Quais seriam os elementos que uma vez apropriados, estabeleceriam uma relação de pertença nesse novo território? Obviamente não é objetivo do PIL responder essas indagações, entretanto é fato que fomos modificadas por essa abordagem e isto se consolidou na forma de um novo olhar sobre o percurso e o comportamento dos estudantes em relação às vivências e reflexões propostas, assim como nossa compreensão de cultura e de território. Santos considerava em seus escritos que o papel ativo do território poderia impor ao mundo uma revanche. As vivências experimentadas no percurso deste PIL não foram tão longe! Entretanto, é certo que colaboraram para minimizar “ignorâncias”, no sentido de falta de conhecimento.

Os temas/questões da diversidade foram largamente contemplados pelo PIL. O simples fato da turma se entender como “retirante”, produto de condições que aliam a concentração da riqueza, falta de oportunidades de escolarização, falta de oportunidades de trabalho e as consequências da seca, já demonstra que o trabalho foi abordado de uma forma que evitou tratar a temática como natural ou resultado de uma pré-determinação divina. Uma estudante que finalmente entende que foi uma criança escravizada ou uma outra que percebe o poder do machismo e do patriarcado sobre sua educação, ou ainda a percepção de que um único indivíduo pode, através de seu exemplo, quebrar o ciclo do analfabetismo que marcou sua história familiar, são fatos que demonstram que a diversidade ultrapassou o desenho do grupo (naturalmente diverso) e se tornou fonte de reflexão e debate. Um Vitalino e um Patativa cujas vidas guardam tantas semelhanças com as dos próprios alunos, a análise de uma gravura de Debret que, por exemplo, promoveu toda uma discussão sobre a questão racial, suas causas e consequências, são exemplos desse processo de conhecimento/reconhecimento assim como outros citados ao longo desse trabalho. A própria temática do PIL já remete às questões que envolvem cidadania e diversidade, abordá-las foi uma consequência absolutamente natural.

O PIL enfrentou obstáculos e desafios na sua elaboração e execução. Entretanto, estes não existiram em função do projeto de intervenção em si pois, uma de suas características é fazer da sala de aula seu espaço privilegiado, de forma que possa ser viabilizado por recursos comuns a toda e qualquer escola da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. Tal afirmativa equivale a dizer que todos os percalços e conquistas são o de qualquer outra unidade da rede.

O primeiro grande desafio é realizar uma ação educativa dirigida a alunos com naturais dificuldades de aprendizagem dos conteúdos acadêmicos, num tempo escolar incompatível com a tarefa proposta, não com o projeto de intervenção em si, mas a Educação de Jovens e Adultos de uma forma geral. As quatro horas diárias previstas na Lei são insuficientes para se alcançar os objetivos propostos no currículo da EJA e a falta de acompanhamento da oferta dessa jornada nas unidades escolares, faz com que nem as cem horas-aula previstas no instrumento legal sejam cumpridas.

No Centro de Ensino Fundamental 03 do Gama, as quatro horas diárias previstas foram reduzidas a apenas duas horas e meia: os primeiros trinta minutos são destinados a entrada de alunos e à merenda escolar e o horário de saída é antecipado em uma hora. Essa última medida, foi tomada num tempo que não conseguimos determinar, sob a alegação de que atenderia aos interesses dos alunos trabalhadores por morarem longe da escola e já virem cansados de suas jornadas de trabalho. O fato é que se tornou uma regra de difícil discussão, já que agrada a todos os envolvidos: alunos, professores e gestores. Entretanto, essa rotina é responsável por uma redução substancial na carga horária oferecida, e suas consequências sobre o desenvolvimento do currículo e aprendizagem dos estudantes é devastadora e se multiplica ao longo dos quatro semestres do 1º Segmento. Diante de um quadro como esse a execução de um Projeto de Intervenção Local assume dimensões mais complexas. Entretanto, ficou patente ao longo do percurso que essa complexidade exigiu mais planejamento e otimização do tempo disponível, resultando em minimização dos danos causados pela exiguidade dos tempos escolares.

A proposta expressa entre os objetivos do PIL de promover o acesso aos bens culturais disponíveis à população de Brasília foi a de mais difícil operacionalização. Não existe por parte das secretarias de estado de educação ou de cultura qualquer política pública direcionada a esse fim. As sedes dos poderes legislativo, executivo e judiciário, nos níveis federal e distrital, não possuem programas de visitação noturna. Os museus funcionam apenas

em horários comerciais. A exceção fica por conta do Programa Educativo do CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil), mas que ao encerrar suas atividades às 21 horas reduz o tempo real de visitação de uma turma noturna a apenas 60 minutos. As igrejas fecham no horário noturno, o Teatro Nacional Cláudio Santoro se encontra em reforma e os cinemas não oferecem programação e/ou horários compatíveis com as necessidades do segmento (filme falado em português, preferencialmente nacional, exibido entre 20 e 22h).

É praticamente impossível planejar um programa de visitas que efetivamente leve o aluno a conhecer o patrimônio cultural da cidade. Mesmo quando a escola programa um itinerário que privilegie a visita a logradouros públicos (ruas, praças e pontes) os recursos do FUNDEB que poderiam custear o transporte, se mostraram inacessíveis. A ausência de ações do governo e da sociedade civil destinadas aos cidadão trabalhador e estudante noturno configura, a nosso ver, em mais uma forma de exclusão/alienação de uma modalidade que recebe historicamente menos atenção e recursos do que as demais modalidades da Educação Básica.

Atitudes e posturas que relegam a EJA a uma posição de menor valor são percebidas inclusive no âmbito da escola, onde particularmente o 1º Segmento é visto como um corpo estranho a seu organismo. Trata-se de uma unidade em que no turno diurno atende do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, cujo ensino noturno é constituído majoritariamente por turmas do 2º Segmento e onde os profissionais são habilitados em áreas específicas. As demandas da alfabetização não são compreendidas e os fóruns de discussão ficam prejudicados uma vez que os gestores, ao mesmo tempo em que assumem sua ignorância em relação ao segmento, também nada fizeram para minimizá-la ao longo dos anos.

É certo que o 1º segmento se constitui num corpo alienígena em relação a escola e que uma relação dialógica tem se mostrado de difícil realização. Por outro lado, o que falta em apoio sobra em liberdade de ação pedagógica. Admitimos que em termos de operacionalização do sistema esse é um dado de consequências imprevisíveis, pois que depende da conscientização e protagonismo do professor. Entretanto, no caso em tela, a liberdade de planejamento, execução e avaliação nos permitiu avançar livres de maiores conflitos, mas com base numa ação racional e contínua que visava a ampliação do espaço da EJA na escola e na comunidade, notadamente do 1º Segmento. Assim foi que apresentamos e aprovamos o único projeto pedagógico, em operacionalização, destinado à EJA no Projeto Político pedagógico da escola: o Projeto de Inclusão Cultural dos alunos da EJA. Até aqui,

todas as ações do referido projeto partiram de iniciativas das autoras deste PIL: a temática e o desenho da Feira Cultural (Uma viagem do Nordeste a Brasília), a visita à 31ª Feira do Livro de Brasília e a visita ao CCBB. Também o laboratório de informática só foi reaberto por nossa insistência, assim como o procedimento de reconfiguração das máquinas, foi viabilizado por nós. Nesse ano de 2014 já agendamos palestras que envolverão todos os turnos da escola e finalmente, trouxemos o Serviço de Orientação Educacional para trabalhar coletivamente com os professores do segmento como desdobramento da coordenação coletiva mensal, que pleiteamos e conseguimos junto à direção da escola. Outro e importante resultado de nossa ação foi aquisição pela escola, de materiais didáticos para as turmas da 1ª a 4ª Etapa do 1º Segmento. Pela primeira vez a escola adquiriu alfabetários, silabários, jogos de palavras e letras, diretas, dominós das quatro operações fundamentais e de frações, além de material dourado de uso coletivo e individual, utilizando para esse fim, os recursos repassados pelo PDAF.

O PIL alcançou resultados no âmbito de toda a comunidade escolar conforme expresso no parágrafo anterior. Mas seu foco principal são as turmas identificadas como público alvo. Nesse ponto, é importante ressaltar que a turma de 2013 foi a mais numerosa daquele período, atraindo inclusive alunos ouvintes originalmente matriculados na 4ª Etapa. Ao longo do semestre perdeu estudantes para doenças, mercado de trabalho e questões familiares, assim como todas as demais. Entretanto, permaneceu como a mais numerosa e foi a que obteve melhores índices de aprovação no segmento. A turma de 2014, já é a mais numerosa desse semestre.

A temática do PIL é, de acordo com nossas observações, um dos motivos que mantem o interesse dos educandos. Afinal, são assuntos diretamente ligados às suas histórias de vida e a re-descoberta da cidade em que vivem. O nível de participação é intenso e mesmo aqueles com óbvias dificuldades de leitura e escrita, demonstram acompanhar as atividades que envolvem debates, leituras de imagens e vídeos, aulas passeios e apreciação de obras de arte. Isto é, suas dificuldades não os segregam e as ações do projeto são elementos de integração grupal.

Um projeto de intervenção, por sua natureza e abrangência, não se encerra nos limites de tempo fixados no trabalho escrito. Posto isto, nos parece claro que o PIL se desdobrará em ações futuras. O laboratório de informática que estava fechado foi reaberto a todos e a escola já providenciou recursos humanos para ali atender às suas muitas turmas. O

fato de experimentarmos uma coordenação coletiva mensal poderá se estender de tal forma que finalmente, junte os dois segmentos da EJA e que nos tornemos uma só escola noturna podendo agir como grupo, dialogando em benefício dos estudantes e da nossa formação profissional.

Para nós que elaboramos e executamos o PIL fica a certeza de termos sido definitivamente modificadas pela experiência e pelos saberes adquiridos ao longo do percurso. Mas, duas questões permanecem em busca de respostas em relação ao que foi estudado: Foi o retirante que não se apropriou de Brasília ou foi Brasília que os manteve afastados a ponto de só se re-conhecerem como pertencentes às regiões administrativas fora do Plano-Piloto? Qual é o papel da escola na consolidação de uma identidade brasiliense?

A avaliação do PIL, assim como a avaliação dos estudantes, é processual e contínua. A flexibilidade é característica típica de projetos pedagógicos que devem projetar o caminho, mas efetuar modificações à medida que experimenta o caminhar. Ao longo do percurso, registros foram feitos num diário alternativo ao oficial da SEEDF para documentar atividades, frequência, ausências, avaliações parciais e observações do dia a dia do projeto. Mantivemos um banco com os textos e as atividades impressas utilizadas (a maioria especialmente criada para o projeto), assim como de imagens captadas desde o 1º semestre de 2013 até os dias atuais.

A avaliação final, está prevista para o fim do 2º semestre de 2014, quando compartilharemos com os estudantes um vídeo com imagens e textos do percurso e analisaremos o banner que resume as várias etapas do PIL. O objetivo é que as memórias do projeto sejam resgatadas de forma que os estudantes possam fazer suas avaliações através de formulário que será produzido para esse fim.

O PIL está em curso, entretanto cabe destacar a diversidade de ações e atividades experimentadas. Essa diversidade garantiu que a rotina e o tédio não se tornassem causas de evasão. A escuta sensível de relatos, gestos e expressões dos estudantes nos permitiram avaliar constantemente o desempenho e os rumos da ação interventiva. Os materiais utilizados são acessíveis e estão presentes na maior parte das escolas. Entretanto, cremos que sua maior contribuição seja em termos de currículo pois, integrou três diferentes disciplinas em torno de uma temática e desenvolveu tanto os conteúdos significativos para os alunos, quanto os mínimos previstos nos documentos oficiais. E, principalmente, aponta para um currículo voltado para a valorização do território, numa escola que carece ser mais candanga.

É certo que prosseguimos na busca por respostas a muitos questionamentos. E estamos cientes que outros tantos surgirão nos mantendo afastados do perigo anunciado por Freire sobre a alienação da ignorância que, sempre estaria no outro, nunca em nós mesmos.

8 - Referências

- AMÉRICA, Ana M.A.P. et. al. Orientações para elaboração do Projeto de Intervenção Local (PIL), Brasília (s.n.),2010 p.11
- BARBOSA, A. M. A Imagem do Ensino da Arte. São Paulo, SP: Perspectiva 1991
- Distrito Federal. Secretaria de Estado de Educação-Currículo em Movimento da Educação Básica-Educação de Jovens e Adultos (Versão para validação). Livro 7. Brasília: SEEDF, 2013.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido p.17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- FREIRE, P. A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores associados. Cortez, 1986.
- HOFFMAN, J. Avaliação, Mito & Desafio: uma perspectiva construtivista p.18. Ed. Porto Alegre: Mediação 1995.
- Internet: pesquisas de textos informativos, biografias de Patativa do Assaré e Mestre Vitalino, imagens e letras de músicas.
- KLEIN, L. R., SILVA G. L. R. da, MATA V. A. Alienação ou Exclusão: refletindo o processo de Inclusão na Educação de Jovens e Adultos. 2012
- LARAIA, R. B. Cultura, um conceito antropológico. 15 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2002
- Projeto Político pedagógico do centro de Ensino Fundamental 03 do Gama. Documento apresentado à secretaria de Estado de Educação do distrito federal no ano de 2013.
- SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- SANTOS,M. Território, Globalização e Fragmentação. São Paulo: Hucitec 1994
- SOARES,M. B. Pátio- Revista Pedagógica de 29 de janeiro de 2004, Artmed Editora, p. 97